

Ambiguidade e contradição ou elogio à diversidade

Marcelo de Carvalho¹

“A contradição é o caminho mais claro para a verdade”
(Patty Smith – *Só garotos*)

*“Em Bachelard tudo se resume em novidade, dinamismo
e metamorfose”*
(François Dagognet – *Bachelard*)

Introdução

Androginia, Oposição e Sobrehumanidade (surhumanité) são, em síntese, os três argumentos fronteiros que chamam minha atenção ao pensar a contemporaneidade do bachelardismo. Argumentos de fronteira enquanto instituem âmbitos de valores semânticos interdependentes e correlativos, por derivação, uns dos outros. Cada um deles conduz ao outro, estabelecendo entre si uma espécie de fluxo contínuo de ousadas ligações.

1- Em primeiro lugar o tema do devaneio cósmico como encontro consigo mesmo me parece relevante como proposta de descoberta da androginia da alma, verdadeiro hino bachelardiano em defesa do discurso de valorização das diferenças que tanto favor encontra em múltiplas doutrinas filosóficas da atualidade, visto tratar-se da única alternativa autêntica à autoritárias e retrógradas concepções racistas, xenófobas, misóginas e homofóbicas.

2- Sucessivamente merece resalto o contínuo dinamismo de polaridades presente nos escritos do autor e nos poemas que florescem em seus tratados de hermenêutica literária e de estética em geral. Circuitos dinâmicos de oposição configuram a proposta não só de um novo princípio do saber ou novo método de conhecimento, mas integra também a criação de uma nova crítica – literária e estética em geral – fundada pela *revolução copernicana* decretada por Bachelard, ao transpor o foco de atenção do poema ou obra de arte externa para a interioridade de seu fruidor. A criação artística existe no hiato semântico de uma *lógica da intimidade* que abala padrões racionalísticos de leitura do evento criativo. Retornaremos mais adiante sobre as

¹ Graduação em Filosofia Università Cattolica di Milano, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Filosofia na UERJ.

noções citadas de *revolução* e de *lógica*.

3- Comovidas pela fundamental pluralidade de sentidos vigente no discurso de novos saberes e de novas artes do início do século XX – revoluções científicas e rebeldia de “ismos” da avanguarda artística: cubismo, surrealismo, dadaísmo, futurismo – almas andróginas adotam a metamorfose poética como ideal e, no eixo polar da casa onírica, entre porão e sótão², razão e imaginação, deixam-se transferir para além do cotidiano, introduzindo-nos ao nosso terceiro tema da *Surhumanité*, como destino de superação permanente que, no âmbito do bacharelismo, passaria a definir a própria noção de humanidade.

Portanto, o pensamento de Bachelard soa como aventura entusiasmante e de grande atualidade, sobretudo ao propor – junto à irremediável aceitação da diversidade, em si e fora de si – tal vigorosa e transformadora abertura dos modos de conhecimento.

Inicialmente, sobre o primeiro argumento acima mencionado, seria interessante evidenciar, na metafísica elementar que emerge do conjunto de cinco volumes dedicados à poética dos elementos da natureza, a existência de um itinerário traçado por Bachelard para o sonhador de imagens. Trata-se de um itinerário de encontro consigo mesmo – sob estímulo de imagens poéticas – que o próprio Bachelard percorre *in primis*, alcançando, durante o percurso imagético de leitura, a afirmação de sua dupla natureza, no amor que dedica – em modo complementar e jamais excludente – seja a conceitos, seja a imagens. Em *La poétique de la rêverie*, lemos que ao amar os dois polos da psyché, masculino e feminino, é necessário amá-los de dois amores diferentes, quer dizer, amor por conceitos ou por imagens:

Tarde demais compreendi. Tarde demais conheci a consciência tranquila no trabalho alternado com imagens e com conceitos, duas consciências tranquilas que seriam aquela em pleno dia e aquela que aceita o lado noturno da alma. Para gozar da dupla consciência tranquila, a consciência tranquila de minha dupla natureza, enfim reconhecida, seria necessário que eu pudesse fazer ainda dois livros: um livro sobre o racionalismo aplicado e um livro sobre a imaginação ativa (BACHELARD, 1993, p.47).

² Os últimos anos de docência de M.me Bulcão (como a chamam os franceses), nos cursos de pós-graduação em filosofia, na UERJ, tiveram por guia seu projeto de pesquisa em Gaston Bachelard intitulado: *Viajantes do porão ao sótão*, no âmbito do qual realizei pesquisa de pós-doutorado, sobre pintura grotesca romana de época imperial e renascentista, lidas do ponto de vista da teoria do imaginário de Gaston Bachelard.

O ser solitário do filósofo ouve murmúrios de um homem e de uma mulher íntimos que *comungam, na tranquilidade da dupla natureza*. Identifica-se portanto, a alteridade essencial, raiz de infinitas polaridades que todo ser manifesta.

O filósofo François Dagognet (1965), no livro que intitulou a seu velho mestre, *Bachelard*, foi o primeiro a afirmar a conveniência de partir, exatamente da noção de *androginia filosófica*, para compreender a subjetividade ambígua que emerge no bachelardismo. Em modo semelhante, a aceitação da tonalidade ambígua da alma, difusa também como característica da dicotomia estrutural, seja do pensamento, seja da realidade, constitui o pano de fundo adaptado ao esclarecimento da intermitência com a qual Bachelard se dedicaria a suas duas almas, polarizando períodos de publicações – com o intervalo médio de uma década – entre razão e imaginação, entre ciência e arte. Afirmando a precisa consciência de tal ambivalência, presente em geral nos seres e nas coisas, *Instant poétique et instant métaphysique* assegura que mesmo o instante poético é uma androginia: “Essencialmente, o instante poético é uma relação harmônica de dois contrários [...] o instante poético é a consciência de uma ambivalência [...] Eis aqui o instante andrógino. O mistério poético é uma androginia” (BACHELARD, 1992, p.104-105).

Devido a tal abstrata ambivalência, diz Bachelard, “o poeta, nas trevas, vê melhor sua própria luz” (BACHELARD, 1965, p.107).

Ao seguir o rastro – que hipotizamos – existente, nos devaneios do imaginário cósmico, o leitor é atraído ao mesmo percurso dinâmico de ambivalências que conduziu Bachelard, através do devaneio de imagens poéticas, até o reconhecimento de sua fundamental *androginia*. Esta trilha de auto conhecimento, por imagens, funciona através do espelhamento na natureza de características essencialmente humanas que constituem, portanto, o traço de ligação com o cosmos. Existe, notadamente, um mecanismo que se exerce entre a eleição de um dos quatro elementos, com o qual o sonhador de poemas cósmicos sente maior afinidade e a projeção que o leitor realiza, de determinadas qualidades humanas, neste mesmo elemento material de sua escolha; ou seja, o leitor projeta certas características que lhe são próprias, na matéria mesma que, originariamente, constitui o mundo, um mundo em perene transformação que constitui realidade de primário interesse para Bachelard.

Então, essa projeção sobre a matéria de qualidades que nos pertencem, possibilita, *a posteriori*, nosso resgate e identificação de uma certa humanidade cósmica, por meio do *link*

qualitativo que o leitor de poemas cósmicos pré estabelece com a constituição elementar da natureza – sonhando sua matéria primordial – como sinalização de uma comunhão universal que abre nossa consciência ao influxo de ressonâncias fenomenológicas, originadas na criação dos poetas que tomam, em seus devaneios, os quatro elementos cósmicos como protagonistas.

Bachelard, leitor voraz, se dedica então a coletar devaneios de universo, no imaginário de poetas sonhadores da natureza elementar. Em tal modo, ele cria quatro pastas, nas quais recolhe, distintamente, poemas sobre cada elemento – água, ar e terra – já que o volume inicial sobre o fogo, *La psychanalyse du feu*, representa, em grandes linhas, seu livro de *conversão* à imagética cósmica, vale dizer, Bachelard não considera ter sonhado o fogo plenamente, nesta obra.

Tratado inicialmente, como obstáculo epistemológico à constituição de uma ciência termodinâmica, o elemento ígneo fora sonhado ainda em estado de *animus*, ou seja de pura racionalidade. Razão pela qual, o filósofo guardaria consigo, ao longo de vinte anos, o desejo de conceder-se, enfim, ao devaneio do fogo, em total estado de *anima* – focalizando mais a emoção do que a razão – até alcançar a realização da velha aspiração ao devaneio do fogo, ao concluir sua escrita fulgorante, sonhando – em *A chama da vela* e, no póstumo, *Fragments d'une poétique du feu* – os três lendários personagens da antiguidade: Fênix, Prometeu e Empédocles, além de sonhar também, certas questões fundamentais para uma poética do fogo, referidas em poemas de Eliot, Goethe e Holderlin, entre outros.

Passando ao segundo argumento, das polaridades dicotômicas, foi ainda durante minha primeira leitura da obra bachelardiana que se deu meu impacto inicial com a quantidade de termos e expressões, utilizadas pelo autor, descritivas do embate e da oposição entre noções contrárias e entre si contraditórias. Termos, invariavelmente, repetidos com grande frequência ao longo dos textos. Polos ambivalentes que se tocam, na convergência de termos contraditórios, são *metáforas da ambivalência e da ambiguidade humana fundamental*. Assim *L'intuition de l'instant* e *Instant poétique et instant méthaphysique* apresentam o instante andrógino, no qual poetas vivem, em simultaneidade, suas antíteses. Infere-se daí, o papel fundante da fragmentação temporal em instantes e logo, da conseqüente supressão da duração, como ininterrupta continuidade, na ocorrência de coincidência de opostos. Portanto, devido ao espanto pela excepcionalidade de tal procedimento autoral, iniciei a listar contradições e

ambiguidades, incansavelmente referidas, nas duas vertentes da obra do filósofo.

Todo leitor atento de Bachelard percebe que termos de contrariedade povoam seus textos poéticos e epistêmicos; porém, como veremos, o verdadeiro reino da ambivalência entre contrários simultâneos é o instante da comoção poética, quando nos emocionamos diante de uma obra de arte, seja da literatura, pintura e escultura, teatro e cinema, música ou qualquer outra forma de comunicação estética que toque a sensibilidade de seu fruidor. Pois, é neste tempo vertical da emoção interior e íntima, tempo estilizado em instantes – e isento do fio horizontal da duração – que a alma vibra, no paradoxo da convivência de contrários.

Entre esguichos e jorros de instantes profundos, na temporalidade vertical, o ser admite a convivência de contrários fundamentais, pois experimenta, em simultaneidade, polaridades antitéticas. Tal embate semântico comove a alma. A utopia se realiza na arte ao sentirmos, no eixo de profundidades e alturas, percorridas no poema, dia e noite se associarem, nos “instantes negros e claros, felizes e tristes, de sorrisos que se lamentam e de lamentos que sorriem” (BACHELARD, 1965, p.110), afirma Bachelard, em seu breve, porém riquíssimo, tratado sobre a temporalidade, *L'intuition de l'instant* que inclui, o já citado, *Instant poétique et instant métaphysique*.

Ali compreendemos este dinamismo estético-poético da alma como *metafísica instantânea e imediata* (BACHELARD, 1965) que brota no ecoar (*retentissement*) de imagens, presentes em toda expressão artística. Imagens são a matéria etérea da arte. Razão e paixão convivem, na fragmentação da continuidade e fundam o instante andrógino, no qual o poeta chega a reconhecer certo *nojo da vida no gozo e orgulho na infelicidade*.

Em meio a tamanha variação na significância da realidade poética e de seus momentos de emoção, eis que Bachelard faz erguer chamas de fogo, como metáfora da polissemia que impera na temporalidade instantânea. Na leitura de *La psychanalyse du feu* encontramos então, o elemento fogo em suas opostas valências de arauto, seja de intimidades, seja de universalidades, o que serviu a fazer dele o “princípio explicativo universal” (BACHELARD, 1972a, p.20) que o filósofo critica, em suas leituras sobre alquimia e pseudo ciências dos séculos anteriores.

A chama traz por si mesma, imagens de transformação e de evolução que serviriam à atualização dos *escombros da razão tradicional* (*Le matérialisme rationnel*). E a psicanálise bachelardiana do fogo prossegue:

O fogo aceita os valores opostos do bem e do mal [...] Brilha no paraíso e arde no inferno [...] É doçura e tortura, bom e mau [...] Calor doméstico e apocalipse [...] Ele pode ser brincadeira e castigo para a criança próxima a uma lareira, diz ainda o filósofo que conclui: O fogo é grande mestre de tolerância, já que aceita contradições (BACHELARD, 1972a, p.19).

Sucessivamente, a progressão da leitura das obras teria me conduzido – em modo evidente, dada a *allure* de um certo dinamismo de metamorfoses que paira nos escritos – à formulação de uma segunda lista, desta vez dedicada a termos referentes ao dinamismo de transmutação, aqui citado com frequência, que impera, seja na realidade exterior, seja em nós mesmos, enquanto compartilhamos suas leis.

Lembro-me de Jean Lescure que, em seu livro “*Un été avec Bachelard*” refere palavras do mestre, durante seu último curso na Sorbonne, ano letivo de 54/55: “É uma filosofia do dinamismo psíquico, são os elementos de uma filosofia dinâmica que me proponho fazer aparecer aqui” (LESCURE, 1983, p.201).

Primeira lista de termos referentes ao antagonismo de bipolaridades: divergência, paradoxo, dualismo, dualidade, alteridade, bipolaridade, binário, negação, inversão, aporia, oposição, polaridade, antagonismo, rejeição, subversão.

Segunda lista de termos referentes ao dinamismo do pensamento, do ser e do real: evolução, dinamismo, abertura, transformação, reformulação, transmutação, movimento, mutação, mudança, dialética, dinamogenia, renovação, mobilidade, agilidade, verticalidade, superação, proliferação, retificação.

Pois bem, custode dessas duas listas, durante meu curso de pós graduação, na Uerj, tive oportunidade de mostrá-las à orientadora da pesquisa, Marly Bulcão que, inusitadamente, ao vê-las ... disse: *Aí está sua tese de doutorado!*³ Pareceu-me loucura, mas foi exatamente o que aconteceu. Mais alguns anos de pesquisa possibilitaram o desenho de um mecanismo de permanente oposição como essencial estratégia – ou metodologia, ousou afirmar – do pensamento

³ Entusiasmo característico da *très chère* M.me Bulcão que costuma mesmo vibrar com as pequenas conquistas de seus orientandos de adoção. Enseigneur-enseigné UFRJ e UERJ, orientadora sem igual, devido à qualidade segura de sua persistente guia durante meu mestrado e doutorado, assim como na supervisão de meu pós-doc. Certa vez, durante simpósio Bachelard no belíssimo Museu Rodin de Salvador, org. por Catarina Sant’Ana para a UFBA – Universidade Federal da Bahia, após minha palestra que, no papel, contava não mais de seis págs., apressou-se em repetir: “pronto, tranquilo... seu doutorado está todo aí.” Eu ria, pensando que só faltava fazer de 6 págs., 500. Tal onipresente estímulo, pelo qual lhe sou sempre muito grato, ainda me guia através das etapas que continuamos a percorrer.

bachelardiano, para a descoberta ou esclarecimento de novas verdades. Propondo intermináveis polarizações de contrariedades em seu discurso, ele abre, estimula e alarga, recursos e percursos da mente, destinados à elaboração de novos saberes, aptos a enfrentarem o desafio à razão que se constituiu com o surgimento de um *novo espírito científico*, no início do '900.

A tal propósito, *La philosophie du non* evidenciaria a, então, urgente necessidade de renovação radical e obrigatória dos parâmetros epistêmicos do saber.

Desde metade da década de trinta, em *Le Surrationalisme*, Bachelard denunciava a urgência de uma revolução espiritual que alargasse e atualizasse os limites da razão. *La philosophie du non*, *Le nouvel esprit scientifique* e *La formation de l'esprit scientifique* também atestavam uma ruptura com o conhecimento tradicional, devido a novidades extraordinárias e extravagantes, dessumidas da nova ciência quântico atômica. Além disto, a filosofia bachelardiana da negação traduz ambiguidades, presentes, indistintamente, seja na realidade, seja na consciência, segundo o modo dinâmico de um pensamento *sui generis*.

No panorama de inícios do novo século XX dominava portanto, o impasse da razão tradicional, no confronto com novidades derivadas da ciência e das artes; vale dizer, novidades derivadas da imaginação que nutre seja a *episteme*, seja a estética. No início dos anos 50, *Le matérialisme rationel* propunha a retificação do *reino da identidade triunfante* (BACHELARD, 1990), a cargo do recente pensamento da diferença que deveria abrir o espírito à mutação e à oposição, como modalidades de aceitação do confronto com o outro, com o diverso de si. Tratava-se em síntese de “devolver à razão sua função de turbulência e agressividade”, segundo ditame de *L'engagement rationaliste* (BACHELARD, 1972b, p.7).

Uma renovação por oposição ao saber tradicional, com a afirmação de novas doutrinas científicas, como a teoria einsteiniana da relatividade e a nova microfísica nuclear, cujo trabalho teórico de descobertas efetuava-se dentro do ambiente fechado e esotérico dos laboratórios de física. O novo saber científico, além de afastar a noção de verdade absoluta, não se submetia mais ao *checkout* do confronto com a realidade empírica, como principal discriminação de seu estatuto de verdade.

Já em seu primeiro volume sobre o fogo, ao final dos anos '30, o filósofo criticava o *racionalismo seco e rápido*, afirmando:

Uma psicanálise indireta e segunda que buscava sempre o inconsciente sob o consciente, o valor subjetivo sob a evidência objetiva, o devaneio sob a experiência. Só se pode estudar o que primeiramente se sonhou. A ciência se forma mais sobre um devaneio do que sobre uma experiência (BACHELARD, 1972a, p.44).

O novo objeto de pesquisa da ciência é invisível a olhos nus. O real científico se constrói nas fórmulas físico químicas, através da *fenomenotécnica* que articula *Le rationalisme appliqué* e *Le matérialisme rationnel*.

Além do mais, ainda não existia modo de tradução da nova linguagem científica em termos de conhecimento acadêmico, nos moldes do pensamento filosófico ou gnoseológico. O período marca o início do saber epistemológico rigoroso, em bases contemporâneas; e Bachelard, por dominar as duas linguagens, visto que era professor de ciências e filósofo, pode participar do pequeno grupo de pesquisadores dedicados à elaboração do discurso de adaptação e de difusão da nova *episteme*.

Foi portanto, graças à sua alma ambígua e androgina, entre *anima et animus*, enquanto homem de ciência e filósofo, pesquisador do imaginário – amante de poemas e de teoremas – que ele pode compartilhar esforços teóricos com outros sábios de relêvo, naquele momento inaugural da epistemologia francesa que buscava esclarecer a extraordinária novidade de um saber que revolucionara, havia pouco, todo conhecimento acumulado, até então.

Abordando agora a *surhumanité*, convém notar o modo pelo qual as novas estratégias do saber – ocasionadas pelo *Zeitgeist* da época, denso de transformações radicais e inovações conceituais – aproxima Bachelard à ideia de uma humanidade igualmente renovada, até configurar, na figura do poeta, o modelo de um ser em permanente estado de metamorfose, como ideal de humanidade, alcançável através da superação onírica de nossas contingentes limitações. *No devaneio do imaginário poético, o sonhador exposto à contrários simultâneos, adere a este ideal de permanente metamorfose.*

O ser humano só atinge sua verdadeira humanidade enquanto descobre como tornar-se mais do que humano, afirma Bachelard (1968, p.153-154) em seu *Lautréamont* que, ao propor a questão sobre “como provocar metamorfoses realmente humanas?”, assere a função da poesia no ato de nos despertar e nos transformar, indicando o poeta como modelo dessa

transformação. *Função específica da imaginação é a arte da metamorfose*, diz o filósofo: “A metamorfose torna-se assim, função específica da imaginação [...] Pensamentos e poesias novos exigem ruptura e conversão. Nenhum valor é especificamente humano, se não for resultado de uma renúncia e de uma conversão” (BACHELARD, 1968, p.153-155).

L’eau et les rêves define a imaginação como *faculdade de sobre humanidade*:

A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que superam a realidade, que cantam a realidade. Ela é uma faculdade de sobre humanidade. Um homem é um homem na proporção em que é um sobre homem. Devemos definir um homem pelo conjunto de tendências que o empurram à superação da humana condição (BACHELARD, 1997, p.23).

O imaginário poético ultrapassa e supera o real, porque dele brotam imagens cujo dinamismo criativo manifesta um verdadeiro formigamento de novas linguagens, novas realidades e de novos seres. Esta metafísica ontológica do devir possui seu núcleo de força na noção de dinamismo.

Notamos que a radical transformação que acomete as palavras do poema, ao serem confrontadas com suas antíteses, institui um novo mundo criativo de sentidos imponderáveis, vigente, como vimos, no domínio de temporalidade fragmentária do instante poético. Um tempo sem vínculos linguísticos de dependência lógica com anterioridade ou posterioridade alguma.

Porém, para que a transformação ocorra no ser do leitor, para que a densidade do instante poético conduza o espírito à ultrapassar sua condição mundana, *L’intuition de l’instant* ensina ser necessário que o leitor ou fruidor da imagem estética abra sua intimidade, em situação de plena disponibilidade à aventura do desconhecido⁴; deve expor-se ao *retentissement da arte que nos liberta da rotina, cura cansaço da alma e rejuvenesce a percepção desgastada*⁵.

Intuições que brotam da poesia têm significação metafísica porque conduzem o espírito

⁴ A este propósito, Bachelard descreve, em *La psychanalyse du feu*, a narrativa de Egar Allan Poe sobre o jovem casal que após uma noite de festa, em Nantucket, buscam reparo num barco. Devido ao cansaço extremo, adormecem, sem notar a chegada de uma tempestade que libera o barco de suas amarras. Ao despertar, encontram-se imersos na paisagem polar, destino da nave que os salvara. Ocasional devaneio glacial de jovens desatentos.

⁵ M. ROUPNEL apud BACHELARD G., *L’intuition de l’instant*, p.97/98. Comentando o livro Silöe, drama filosófico de seu amigo, historiador de Dijon, o filósofo diz que Roupnel, em páginas que vão diretamente ao coração da intuição, encontra vias de redenção do ser na Arte.

a seu destino de evolução e superação. Entretanto, a condução do espírito a seu destino ocorre somente “se o misterioso refúgio da personalidade estiver disponível, no limiar da leitura” (BACHELARD, 1965, p.8).

Este seria então, o real significado da ambivalência erguida ao nível da consciência e portanto, abraçada como dicotomia estrutural da realidade e do pensamento. Tal aceitação voluntária permite a conquista da interioridade no repouso das imagens. Foi esse o modo no qual Bachelard vivenciou a solidão feliz na mesa de leitura, como *existência máxima*, afirmando o devaneio enquanto dinâmica com a qual o ser se transforma e aceita seu ser ambíguo e contraditório – em permanente mutação – como individuação *inexata*, sempre *in fieri* e *toujours nouvelle*.

Sem esclarecer a fundo a indicação, Bachelard nos alerta, em *La Psychanalyse du feu*, para o fato de que o *segredo das energias mutantes* está na *região da metáfora de metáfora* (BACHELARD, 1968), aludindo a específica *performance* do devaneio que sabe transformar formas já transformadas, sabe sonhar realidades já sonhadas. Refere-se assim à arte de devanear em modo absoluto, sem nenhum precedente concreto. Ao *devolver a imaginação à sua função de ensaio, de risco, de imprudência, de criação*, anuncia ainda o *Leautréamont* bachelardiano, o espírito é, então, livre para a metáfora de metáfora.

Uma doutrina que resiste às imagens primeiras, às imagens já prontas, às imagens já ensinadas, deve resistir às primeiras metáforas. Ela deve então escolher: é necessário queimar com o fogo, é necessário romper com a vida ou continuar com a vida? Para nós a escolha está feita [...] ruptura e conversão (BACHELARD, 1968, p.155).

Ao interiorizar os parâmetros da emoção estética, transferindo a atenção do poema ou da obra de arte externa para o interior da alma do fruidor – como vimos, ao mencionar aquilo que denominamos a *revolução copernicana* da arte, realizada por Bachelard – torna-se evidente o papel fundamental do devaneio criador na condução do ser à elevação espiritual, tanto ensejada pelo filósofo.

A fortalecer o evento crucial da comoção da alma pelo fato estético, *La psychanalyse du*

feu apresenta ainda, em grandes linhas, uma lógica íntima do poema, ou melhor, uma lógica sentimental da intimidade, capaz de manifestar claramente a natureza ontológica da poesia, através da consideração fenomenológica de suas vibrantes imagens, cujo ser se constitui em seu próprio ecoar (*retentir/retentissement*) até comover um novo fruidor que se deixa transformar em criador, gerando um pulular de novas imagens.

A lógica interior nutre com a comoção estética o dinamismo intuitivo do poema, gerando a transformação do sonhador que renasce criador. A arte que nos emociona, nos liberta do real, integra ambiguidades, situando o espectador no núcleo profundo do instante criativo que lhe permite acessar novas imagens e novos sonhos acordados – presentes no poema – recriando-os novos, e, portanto, já como autor de seus próprios devaneios criativos. Ou seja, o efeito da comoção estética interior é a transformação.

Bachelard conclui a *Psicanálise do fogo* afirmando que ambiguidades nos permitem sonhar realidades inéditas, desconhecidas. Encontramo-nos, porém, em situação conturbante, dada a falta de propriedade poética da unicidade. “Não se faz poesia na unidade” (BACHELARD. 1972a, p.180), diz ele. Entretanto, por sermos únicos, não alcançamos a multiplicidade. Surge assim o golpe de gênio do pensador que resolve, em uma frase, tantas hesitações: podemos servir-nos da dialética como de um “estrongo, que desperte ressonâncias adormecidas” (BACHELARD. 1972a, p.180).

Logo, ambiguidades nos transferem além do cotidiano, aos domínios da *surrealidade* e da *surracionalidade*. Abalam a razão submissa à *empíria*. Então, a vibração que ecoa no gozo de imagens contrastantes ou contraditórias, causa o susto criativo – o estrongo – que nos transforma em *sobrehumanidade*; ampliando nossa leitura do fato estético para além da simples percepção sensível de formas concretas. Neste estado de total *gaudio animae*, de prazer da alma, situa-se o valor incondicional da arte, da cultura e da educação, atualmente negado, desprezado e cancelado no Brasil.

Dirigindo-nos à conclusão, relembro que anos atrás, tive a oportunidade de seguir uma palestra do Professor Jean Jacques Wunenburger, na PUC – Rio, e graças a anotações por mim tomadas na ocasião, pude reconstruir a extraordinária, enquanto simples, solução para o labirinto de contrariedades que passara a vislumbrar nas obras de nosso autor. A novidade

hermenêutica do ilustre professor francês, baseava-se na proposta de superação do tradicional enquadramento mental binário de polaridades em contraposição, a favor de um novo modelo ternário que passava assim, a considerar a unidade como fato originário, inserido no próprio fio de tensão que une – e opõem – pares de opostos, tornando-os, por isso mesmo, complementares. Em tal modo, a unidade se torna elemento pertencente ao próprio sistema de oposição, como um ponto interno de equilíbrio entre opostas polaridades. Resolveu-se, assim, o enigma.

Foi no âmbito de tal surpreendente panorama de ideias que, acolhendo o convite para palestrar na Université de Bourgogne, acompanhei M.me Bulcão durante uma de suas frequentes visitas aos simpósios de Dijon. Na ocasião, decidi propor uma charada ao público de bachelardianos, motivado pelos três conceitos fundamentais para minha compreensão do bachelardismo – Novidade, Dinamismo e Metamorfose – acima citados na epígrafe de François Dagognet.

Eis aqui a charada com a qual concluí minha palestra francesa: *Como é possível que tal intenso dinamismo de transmutação, afinal se concilie e conduza à metafísica do repouso feliz que põe término à obra bachelardiana? Como conciliar tanta mutação com a solidão feliz, iluminada pela chama da vela, na mesa de existência máxima.* Talvez, só mesmo recorrendo ao fragmento de Heráclito que afirma: *É no movimento que as coisas se repousam.* Um paradoxo resolve o enigma.

Conclusão

Percorremos as três noções que ressaltai inicialmente: Androginia, Oposição e Surhumanité, sugerindo – como eixo do bachelardismo – um certo dinamismo poético da *inexatidão*, conforme o termo usado em *Essai sur la connaissance approché* (BACHELARD, 1969, p.8), ao afirmar que “uma filosofia do inexato pode trazer um sentimento novo aos conceitos de realidade e de verdade”. Para tanto, atravessamos uma região de total *imprudência intelectual*, como nos ensina o mestre Bachelard, ao traçar seu desenho iluminado que faz da revolução da razão, ocasião propícia à revoluções espirituais. Por este caminho alcançamos a afirmação de sua plena contemporaneidade, próprio em razão da androginia que ele descobre em sua alma e que se adapta, por si mesma, à função de antídoto à intolerância, já que educa o ser à aceitação da

diferença em si mesmo e nos outros.

Aprendemos assim, o respeito da diversidade, enquanto valorização da complexidade e da pluralidade de seres e de realidades.

A confluência de *Anima* e *Animus*, duplo princípio de nossa primitividade andrógina, institui uma abertura, *sui generis*, à superação de posturas discriminantes. Afirmamos portanto, a superação da intolerância, como lição do filósofo, ao lamentável – mas transitório – momento nacional, no qual toda prática de conhecimento e de saberes deve resumir-se na palavra: RESISTÊNCIA. Resistência de cada um e de todos, pois como se diz: “Somente quando todos ao meu redor forem de mim diferentes, poderei sentir-me igual a eles”. Nossas diferenças constituem o traço que nos torna todos iguais. Iguais nas diferenças.

Em fim de contas, trata-se simplesmente, como diz Caetano, de abrir a cabeça para que floresça o mais que humano em nós.

Referências

BACHELARD, G. *Lautréamont*. Paris: José Corti, 1968.

BACHELARD, G. *Essai sur la connaissance approchée*. Troisième édition Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1969.

BACHELARD, G. *La psychanalyse du feu*, Paris: Idées Gallimard, 1972a.

BACHELARD, G. Le surrationalisme. In: BACHELARD, G. *L'engagement rationaliste* (préface de Georges Canguilhem). Paris: PUF, 1972b. p.7-13.

BACHELARD, G. *Le matérialisme rationnel*. Paris: PUF, 1990.

BACHELARD, G. Instant poétique et l'instant métaphysique. In: BACHELARD, G., *L'intuition de l'instant*. Paris: Stock, 1992. p.102-110.

BACHELARD, G. *La poétique de la rêverie*. Paris: PUF, 1993.

BACHELARD, G. *L'eau et les rêves*. Paris: José Corti, 1997.

DAGOGNET, F. *Bachelard*. Lisboa: Edições 70, 1965.

LESCURE, J. *Un été avec Bachelard*, Paris: Luneau Ascot Éditeur, 1983.